



O INTELLECTUAL ORGÂNICO DO BOLSONARISMO E O CASO DA PANDEMIA¹

Claudio Reis²

Resumo

O bolsonarismo busca ser um movimento integral, tanto para dentro quanto para fora do Brasil. O seu posicionamento, diante da história, é restaurador, ou seja, reacionário. Olavo de Carvalho é o autor que fornece grande parte da visão de mundo dos bolsonaristas. Em sua obra, este movimento encontra formulações sobre os mais variados temas. Ele busca se afirmar como um filósofo capaz de dar respostas sobre todo e qualquer aspecto da vida social. Neste contexto de pandemia, suas formulações gerais interferem na maneira como o Presidente da República se relaciona com os protocolos científicos.

Palavras-Chave: Bolsonarismo, Olavo de Carvalho, Pandemia

THE ORGANIC INTELLECTUAL OF BOLSONARISM AND THE CASE OF THE PANDEMIC

Abstract

Bolsonarism seeks to be an integral movement, both inside and outside Brazil. Its position related to history is restorative, that is, reactionary. Olavo de Carvalho is the author who provides much of the ideological support for Bolsonarists. In his work, this movement finds formulations on the most varied themes. He seeks to assert himself as a philosopher capable of giving answers about each and every aspect of social life. In the context of a pandemic, its general formulations interfere with the way the President of the Republic relates to scientific protocols.

KeyWords: Bolsonarism, Olavo de Carvalho, Pandemic

EL INTELLECTUAL ORGÁNICO DEL BOLSONARISMO Y EL CASO DE LA PANDEMIA.

Resumen

El bolsonarismo busca ser un movimiento integral, tanto dentro como fuera de Brasil. Su posición frente a la historia es restaurativa, es decir, reaccionaria. Olavo de Carvalho es el autor que proporciona gran parte de la cosmovisión de los bolsonaristas. En su trabajo, este movimiento encuentra formulaciones sobre los temas más variados. Busca afirmarse como un filósofo capaz de dar respuestas sobre todos y cada uno de los aspectos de la vida social. En este contexto de pandemia, sus formulaciones generales interfieren con la forma en que el presidente de la república se relaciona con los protocolos científicos.

Palabras clave: Bolsonarismo, Olavo de Carvalho, Pandemia.

¹ Artigo recebido em 10/08/2020. Avaliação em 21/09/2020. Aprovado em 02/11/2020. Publicado em 22/12/2020.

² Professor de Teoria Política da Universidade Federal da Grande Dourados -UFGD/ Coordenador do Grupo de Estudos Antonio Gramsci/UFGD. E-mail: ClaudioReis@ufgd.edu.br.

Introdução

Com a chegada da pandemia do novo coronavírus no Brasil, a conjuntura nacional, já antes bastante conturbada, foi ainda mais agravada. Sem o devido conhecimento da nova doença, definida como Covid-19, por parte da ciência e sem uma vacina definitiva para combatê-la, a saída encontrada pelas organizações sanitárias globais foi a defesa do isolamento social. A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou que todos os países adotassem políticas de contenção do avanço e da disseminação do vírus entre as pessoas. A China foi o primeiro país a ser afetado de modo grave pelo novo coronavírus e o confinamento dos indivíduos em suas casas, conseguiu conter o número de infectados. Essa tática sanitária de enfrentamento acabou sendo reconhecida como uma das únicas formas, eficazes até o momento, para diminuir o índice de contágio entre as pessoas. Todos os demais países que seguiram esse protocolo, elaborado e defendido por cientistas de todo mundo, obtiveram êxitos importantes não apenas para o controle da incidência de infectados, como também para o menor número de mortos. Já os países que demoraram a adotar as medidas de isolamento social, assistiram um alto índice de infectados e de óbitos. Quanto maior o número de infectados, num curto tempo, menor a chance da realização do devido atendimento hospitalar. A conta entre número de doentes e capacidade de atendimento médico não é favorável quando as políticas de isolamento social não são eficientes. As mortes em grande escala são o resultado mais dramático desta situação.

Os impactos na economia global é outra dimensão da pandemia. Vários países que já vinham com problemas nesta área vivem situações bastante graves. As medidas de isolamento social afetam diretamente a produção e a circulação das mercadorias, gerando enfraquecimento econômico e um aumento drástico, e em pouco tempo, do desemprego em massa. Neste sentido, a nova doença aprofundou ainda mais as desigualdades sociais provocadas pelo capitalismo. A pobreza que já estava aumentando em todo o mundo, tende a se manter em níveis elevados nos próximos anos – mesmo após o surgimento de um tratamento definitivo para a doença.

Em alguns países, a pandemia também gerou o aprofundamento de crises políticas, principalmente naqueles em que os governantes não priorizaram, desde o início, o combate sanitário à doença. Este, em particular, é caso do Brasil.

Na sociedade brasileira, quem buscou conter minimamente o avanço do novo coronavírus, foram os governadores estaduais e os prefeitos. Com a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que garantiu autonomia aos estados e aos municípios, perante o governo federal, para a implementação das políticas sanitárias de enfrentamento da doença, a disseminação do contágio teve certo controle. Essa decisão do STF foi fundamental para a implementação mínima das recomendações da OMS no país, afinal a leitura defendida pelo presidente da república foi desde o início a de não aplicar o isolamento social, em nome da economia.

O posicionamento de Jair Bolsonaro, contrariou e ainda contraria todas as argumentações científicas do país e do mundo. O seu populismo repentino na área econômica, em defesa dos empregos dos mais pobres, gerou e ainda gera grave tensão entre os poderes da república. Com discursos e ações cada vez mais autoritários, Bolsonaro colocou e ainda coloca em situação instável a fragilizada democracia brasileira.

Os ataques do presidente ao STF e ao Congresso Nacional, tanto sobre a questão da pandemia quanto sobre outros temas, incorporou a crise política à econômica e à sanitária. Colocou o país num ambiente de permanente tensão político-institucional.

No caso específico do combate ao novo coronavírus, a pergunta é: por que o presente foi contra os protocolos elaborados pela ciência? Além do desastroso populismo econômico, outros fatores podem ajudar a entender esta sua postura. Um ponto é a particular visão que possui sobre a ciência, outro corresponde às versões conspiratórias sobre interesses ocultos por trás do surgimento do novo vírus.

Jair Bolsonaro governa o país sem praticamente nenhum apoio da comunidade científica. Até mesmo a defesa do uso de medicamento, sem nenhuma comprovação médica de eficácia, para combater a doença o presidente fez. Então qual é a fonte de conhecimento que baseia suas opiniões e suas afirmações, sobre este tema? De modo geral os intelectuais do governo Bolsonaro podem ser divididos em quatro frações: os neoliberais, setores evangélicos, setores militares e os olavistas. Estes últimos são

fundamentais no direcionamento cultural do governo e em sua luta no campo da superestrutura. Eles são os seguidores de Olavo de Carvalho, o principal intelectual do atual governo e responsável pela concepção de mundo do bolsonarismo. Das ideias deste autor, o presidente concebe a sua leitura de ciência, conseqüentemente, são nelas que se encontram as bases para as posturas de Bolsonaro sobre a pandemia.

Breves considerações sobre o conceito gramsciano de intelectual

Como se sabe, Gramsci foi um dos principais autores a refletir sobre a figura do “intelectual” no século XX. Durante as décadas de 1920 e 30, especificamente, “nenhum outro grande pensador e militante de esquerda tinha dado tanta importância à categoria social dos intelectuais como fator explicativo da realidade sociopolítica.” (Beired, 1998, p. 123) E muitas das suas reflexões, referente a esse *tipo social*, ainda são bastante utilizadas neste início de século XXI. Ainda que ele tenha discutido o tema dos intelectuais antes da prisão fascista – principalmente em seu texto inacabado sobre “questão meridional”, no qual faz referência ao significado político-cultural de Benedetto Croce, entre outros – será nos *Quaderni del Carcere* o espaço de maior contribuição à questão. Será, precisamente, em sua obra carcerária que o autor italiano analisará historicamente como os intelectuais se transformaram.

Para Gramsci, antes de qualquer coisa, a categoria de intelectual deveria ser compreendida a partir de uma aceção ampla. No seu caderno 12, escrito em 1932, encontra-se uma das mais conhecidas passagens sobre esse tema. Diz ele, “todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais...” (Gramsci, Q. 12, 2001, p. 1516) De certo modo, com essa afirmação, o autor rompe com o princípio de que somente alguns “iluminados” possuíam a capacidade de exercer uma tarefa “intelectual”. Qualquer atividade profissional específica, desempenhada na sociedade, exige um certo tipo de conhecimento intelectual. Assim, tanto o cozinheiro quanto o filósofo precisam do intelecto para desempenhar suas funções. Ainda que de modo completamente diferente, ambos são responsáveis por atividades que necessitam de um certo conhecimento sistematizado, isto é, o ato de elaborar “pratos” sofisticados ou de trabalhar os conceitos mais abstratos, não são

tarefas “instintivas” ou “espontâneas”. Também não são restritas a grupos sociais, a não ser convencional e arbitrariamente.

No entanto, Gramsci, além de pontuar de maneira abstrata o significado de “intelectual”, também desenvolve certas características concretas e específicas do mesmo. Tentando analisar esse *tipo social* na dinâmica histórica, o autor italiano desenvolve quatro categorias fundamentais para entendê-lo: o “orgânico”, o “tradicional”, o “cosmopolita” e o “nacional-popular”.

O primeiro se configura por todo aquele que desempenha atividades organicamente ligadas a uma determinada classe social. Atividades essas que podem ser tanto de cunho filosófico e científico, quanto puramente técnico. Na Idade Média, por exemplo, a nobreza tinha à sua volta figuras como o padre e o cavaleiro, ambos fundamentais para a manutenção do *status quo*. “A categoria dos eclesiásticos pode ser considerada como a categoria intelectual organicamente ligada à aristocracia fundiária: era juridicamente equiparada à aristocracia, com a qual dividia o exercício da propriedade feudal da terra e o uso dos privilégios estatais ligados à propriedade.” (Gramsci, Q. 12, 2001, pp. 1514-15) Na Era capitalista, os “intelectuais orgânicos” passaram a assumir outras configurações específicas, ainda que mantendo as mesmas atividades de defesa da classe social fundamental. “O empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc., etc.” (Gramsci, Q. 12, 2001, p. 1513) Este, então, é o caráter essencial do “intelectual orgânico” na história.

Sobre os “intelectuais tradicionais”, Gramsci também revela profundo interesse. Para ele, são tradicionais todos aqueles intelectuais que não têm sua existência social fundada numa determinada classe social. E aqui, pode-se pensar mais uma vez o clero que sobreviveu às revoluções burguesas, mas sem suas fundamentações de classe. Em outras palavras, ao sair da Idade Média e entrar no Capitalismo, a categoria dos eclesiásticos, deixou de ser representante “orgânica” de sua classe específica, ou seja, a nobreza feudal. Assim, o padre que foi um dos principais “intelectuais orgânicos” da aristocracia, na Era capitalista, passou a desempenhar uma atividade “tradicional”. Como, diz o autor, os “intelectuais tradicionais sentem com ‘espírito de grupo’ sua ininterrupta continuidade histórica e sua ‘qualificação’, eles se põem a si mesmos como

autônomos e independentes do grupo social dominante.” (Gramsci, Q. 12, 2001, p. 1515) Então, de maneira geral, “intelectual tradicional” é aquele que não se sente e muitas vezes não está ligado estruturalmente a uma determinada classe social fundamental da sociedade.

Outra categoria de intelectual importante na reflexão gramsciana, refere-se ao chamado “cosmopolita”. Para o autor, esta foi a forma específica de intelectual que marcou amplamente o Renascimento. O predomínio do “intelectual cosmopolita” na história italiana, foi um dos elementos principais para o caráter antipopular dos vários movimentos político-culturais existentes na península. O seu perfil caracterizado pelo não reconhecimento dos problemas específicos da vida nacional, fez com que toda a sua atividade se tornasse estranha e até oposta aos interesses das maiorias. Em outros termos, “tais intelectuais sofreram uma espécie de alienação com relação à sua própria realidade local.” (Beired, 1998, p. 127)

Segundo o próprio Gramsci, “para a Itália, o fato central é precisamente a função internacional ou cosmopolita de seus intelectuais, que é causa e efeito do estado de desagregação em que permaneceu a península, desde a queda do Império Romano até 1870.” (Gramsci, Q. 12, 2001, p. 1524) Todavia, essa herança histórico-nacional, de caráter antipopular, na visão do próprio autor, permaneceu até o seu tempo. E o grande exemplo de “intelectual cosmopolita” de sua época foi Benedetto Croce.

Em contraposição a essa tradição cosmopolita dos agrupamentos de intelectuais do seu país é que o autor sugere o intelectual “nacional-popular”. Na verdade, esta forma de intelectualidade é uma concepção derivada do seu projeto nacional. (Reis, 2020) Para Gramsci, a nação italiana somente assumiria um caráter popular à medida que determinados intelectuais incorporassem as questões dos subalternos como fonte de suas atividades específicas. Portanto, “nacional-populares” são os “intelectuais que expressam as ideias e os sentimentos populares (os ideais e paixões universais), que desenvolvem uma crítica social e apontam as contradições históricas podendo ser retomados e compreendidos pelo povo, em épocas históricas diferentes.” (Schlesener, 1992, p. 45)

De modo bastante sintético esses são os elementos que definem o conceito de intelectual para o autor italiano. Para os objetivos do presente artigo, deve-se ver como Olavo de Carvalho pode ser entendido a partir de tais definições.

A função intelectual de Olavo de Carvalho para o bolsonarismo

Olavo de Carvalho, diante do bolsonarismo, pode ser considerado como seu intelectual orgânico. Não tradicional, pois ele tende a organização político-cultural de frações das classes dominantes capitalistas; não cosmopolita, já que direciona grande parte das suas reflexões à sociedade brasileira; e não nacional-popular, pois a sua ampla proposta de restauração é profundamente anti-nacional-popular.

Portanto, frente às definições gramscianas e frente à função de Carvalho para o bolsonarismo, pode-se dizer que ele é um intelectual orgânico, dos mais importantes, para a organização deste movimento político-cultural.

Atualmente residindo nos Estados Unidos, este autor pratica há muito tempo um duro combate às atuações das esquerdas e dos grupos democráticos do Brasil. Não formado em filosofia, mas autointitulado filósofo, Carvalho já produziu mais de 30 livros, compostos por ensaios e textos jornalísticos. Esta produção se direciona a diversos temas e a diversas áreas do conhecimento. Muitos dos seus textos se voltam contra as produções realizadas nas universidades brasileiras, pois, em sua leitura, a comunidade acadêmica do Brasil está sob controle das forças de esquerda, em geral comunistas. Até 2013, suas ideias tinham pouca força social e política e sua inserção no debate público era bastante marginal. O seu encontro com Jair Bolsonaro se caracteriza como um dos principais elementos do chamado bolsonarismo.

Em linhas gerais, o bolsonarismo é um movimento que nasce do contato entre elementos reacionários tanto da sociedade política quanto da sociedade civil. Traduz a herança histórico-nacional, marcada pela brutal violência das classes dominantes sobre os subalternos, para os “novos tempos” da comunicação massificada. Aqui, o bolsonarismo será entendido como uma *marcha fascista* (isto significa que o fascismo no Brasil não se consolida como ditadura integral, mas sim como uma movimentação formada por uma síntese entre passado e presente, na qual não se consegue alcançar

os devidos fins. É um desfile sobre a história nacional contemporânea, com ponto de partida, mas sem o seu correspondente de chegada.)

Portanto, quando se fala em fascismo na história atual brasileira, deve-se precisar tal afirmação. De fato, esta assertiva, caso queria superar o discurso imediato e puramente militante da política, buscando um maior rigor analítico, necessita ser aprofundada, destrinchada, colocada sob os vários aspectos que fundamentam a realidade. Não pode ser um mero discurso ou retórica, caso se queira efetivamente enquadrá-lo como um conceito viável de explicação do atual cenário nacional.

De maneira breve, o fascismo foi um movimento e um regime político da Itália da primeira metade do século XX. A ditadura estatal e a violência social, como formas de controle do país, são suas marcas centrais. Benito Mussolini foi seu principal líder e a pequena burguesia, os latifundiários e os grandes empresários, suas classes de apoio, sendo a primeira seu núcleo. Este fascismo inicial se apresentou como uma forma do capitalismo contemporâneo sair das crises agudas. Tal saída continua sendo utilizada.

No Brasil, a marcha fascista tem suas particularidades, o que segue as especificidades de sua formação histórico-nacional. Sua primeira camada, sua superfície, mas não menos importante, corresponde ao chamado bolsonarismo, sua principal expressão. É ele que está nas ruas, nas manifestações, nos discursos e nas relações. Os camisas amarelas se tornaram movimento social e político, ocupando os vários espaços da sociedade civil. Sindicatos patronais, igrejas, instituições de ensino, partidos políticos, agremiações de toda ordem, etc., incorporaram as concepções reacionárias e autoritárias de Jair Bolsonaro e de seu grupo próximo.

O seu principal intelectual orgânico é, sem dúvida, Olavo de Carvalho – figura difusora de infundáveis leituras conspiratórias sobre a realidade, organizador de uma concepção do mundo desvinculada dos acontecimentos históricos, produtor do tipo de ideologia mais vulgar. Bolsonaro é o porta-voz político do pensamento olavista, ainda que exista certo grau de independência entre um e outro.

O bolsonarismo é um movimento de massas que se beneficiou dos seguintes elementos: 1) dos avanços das ferramentas de comunicação de amplo alcance, 2) também da criminalização geral da política, 3) da perseguição judicial e midiática sobre

o Partido dos Trabalhadores e, muito pesadamente, 4) da herança histórico-nacional brasileira – marcada por séculos de escravidão e décadas de ditaduras militares.

Os anos de 2013, 2014 e 2015, foram decisivos na inicial organização deste movimento. Neste período, os primeiros passos da marcha fascista começaram a ser dados.

As grandes manifestações de 2013, marcadas por uma aparente espontaneidade das massas, caracterizaram-se por uma ocupação difusa das ruas, com movimentos e grupos de interesses diversos e não raro antagônicos. O ano seguinte esteve imerso ao período eleitoral e também à uma importante crise econômica. Dilma Rousseff foi reeleita em meio a sérios problemas econômicos e políticos – estes últimos, em decorrência do início da operação Lava-Jato, em março de 2014. O descontentamento não apenas com seu governo, mas com o seu partido político, ganhou a opinião pública nacional. A chamada grande imprensa tornou o combate à corrupção uma questão de sobrevivência para o país, associando tal enfrentamento à deslegitimação dos partidos políticos, em especial ao Partido dos Trabalhadores. Em 2015, as manifestações de rua contra a presidenta já assumem um caráter de massa. Organizadas por vários setores da nova direita – depositaria, certamente, de velhos valores – composta por empresários, fazendeiros, banqueiros, classes médias e frações das classes trabalhadoras. Mesmo havendo, no mesmo período, também atos a favor do seu governo, aqui já estava posto no horizonte o golpe cívico-parlamentar-judicial, traduzido na figura constitucional do Impeachment. Diante deste cenário, o bolsonarismo se fortaleceu, mesmo que não se colocasse ainda como força política organizada e capaz de conduzir qualquer processo político-social.

A segunda onda que marca o fortalecimento e o avanço da marcha fascista brasileira, dá-se entre os anos de 2016, 2017 e 2018. O primeiro é caracterizado por uma profunda crise política que culminou com a efetivação do golpe contra o governo Dilma, no mês de agosto. Seu vice, Michel Temer, assume a presidência, com uma agenda econômica neoliberal e com amplo apoio dos setores conservadores e reacionários da sociedade civil. Entretanto, o período Temer também é marcado por grandes escândalos de corrupção. Por este motivo, Jair Bolsonaro se posiciona como crítico do presidente e passa a se consolidar como candidato da direita e da extrema-direita à presidência da

república. Devido aos escândalos de corrupção, Temer teve sua popularidade rebaixada e o bolsonarismo aos poucos foi se colocando como uma alternativa viável ao PT.

O ex-presidente Lula é preso em abril de 2018, neste momento o líder das pesquisas para as eleições de outubro, graças a um processo judicial amplamente questionado e politizado pela Lava-Jato e pelo juiz Sergio Moro. Com a saída de Lula da disputa política, Bolsonaro se coloca, pela primeira vez, como candidato político com reais chances de vencer as eleições. Este é o momento em que o bolsonarismo se organiza e se torna uma máquina política eficiente, fundada em notícias falsas sobre seus adversários e se utilizando enormemente das redes sociais virtuais. Deste modo, ele ocupou inúmeros espaços do cenário político-social brasileiro. Conquistou parte da sociedade civil, parte da sociedade política e a maioria do eleitorado. Vencedora nas eleições, a marcha fascista se eleva de movimento social e político para ocupante do poder estatal, mas seu ciclo não estava fechado.

A terceira onda bolsonarista, inicia-se em 2019, já no comando do aparelho estatal central. Este é um movimento que está em curso, portanto, com muitas variáveis em questão. Talvez a principal característica deste momento seja a tentativa de avanço da *marcha* sobre a sociedade política. Os ataques do Executivo sobre os demais poderes da república demonstram isto. Tudo indica, entretanto, que o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal conseguiram resistir à artilharia do presidente e, assim, neutraliza-lo.

A primeira fase da marcha fascista (2013-14-15), portanto, surge no momento em que o debate nacional ficou monopolizado pelo combate à corrupção no Estado, associada à criminalização dos partidos políticos, em geral, e das esquerdas, em particular.

Essa onda inicial, de cunho fortemente conservadora e até reacionária, foi o ambiente propício para a difusão das ideias de Olavo de Carvalho. Este importante personagem do processo, trabalhou, ao longo da vida, como jornalista em diversos meios de comunicação. Carvalho se autoproclama filósofo, porém nunca foi reconhecido pelos membros da área como tal. Suas ideias anticomunistas, antimarxistas e antidemocráticas, durante grande parte de sua trajetória, nunca obtiveram respaldo na opinião pública. Foi sempre muito restrito a setores marginais que o acompanhavam em

suas atividades jornalísticas. A comunidade acadêmica nunca o reconheceu como autor relevante, afinal, Olavo não sustenta suas ideias dentro do rigor teórico exigido pelo debate realizado neste espaço.

A sua sorte, porém, passa a mudar quando o seu alcance ideológico é alargado com os avanços dos meios de comunicação. Tornou-se influenciador digital, apresentando cursos virtuais, com forte presença nas redes sociais. A sua principal obra, *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*, foi publicada em 2013. Portanto, já na primeira onda de organização da marcha fascista, seu pensamento começa a ser difundido entre os militantes da extrema-direita. Em 2015 já era possível ver camisetas e cartazes de manifestações anti-PT com dizeres “Olavo tem razão”.

A partir do golpe de 2016 e da articulação/organização do projeto bolsonarista, as ideias de Olavo de Carvalho passam a se tornar referências ideológicas orgânicas do projeto de poder de Bolsonaro. O pensamento olavista que até então pairava sobre a realidade, sem nenhum corpo para encarná-lo, encontrou no movimento social e político bolsonarista a sua chance. Carregadas de elementos conspiratórios, nos quais os comunistas estão por toda parte e governando as mentes dos desavisados, suas formulações encontraram receptividade por todo país.

Segundo suas concepções, não só o Brasil, mas todo o mundo ocidental, desde a Revolução Francesa, esteve e ainda está sob governo de inescrupulosos, tiranos e anticristãos. Tudo aprofundado com o surgimento das ideias de Karl Marx, no século XIX, e mais recentemente de Antonio Gramsci, no XX. Para Carvalho, este último é especialmente perigoso, pois defende um tipo de construção socialista, na qual os indivíduos deixam de perceber o processo. Em sua leitura, Gramsci é o autor de uma perversa “estratégia” de defesa do comunismo em que os indivíduos são doutrinados sem a mínima chance de se defenderem, pois em nada percebem a imposição. (Carvalho, 2014)

Suas inúmeras reflexões sem base teórica e sem fundamento na realidade acabaram encontrando um corpo político.

Agora, em 2020, o olavismo é uma das mais importantes frações político-culturais do governo Bolsonaro, com presença em ministérios e secretarias. Ele, por assim dizer, é o organizador ideológico da *marcha*.

As concepções estranhas à realidade, contidas no bolsonarismo, certamente têm solo fértil no Brasil, com seus mais de 300 anos de escravidão e décadas de regimes autoritários. Quanto menos ambientes democráticos de reflexão e debate, mais a vida nacional fica exposta a pensamentos estranhos à racionalidade. O peso da herança histórico-nacional antipopular, ainda interfere na construção do presente. O bolsonarismo é a sua reafirmação, sua restauração em outros patamares.

Noções de ciência do bolsonarismo: o olhar olavista

É com espanto que os espaços de produção de ciência, do Brasil e do mundo, assistem as ações do atual governo federal. Desde o início do seu mandato, Bolsonaro já demonstrou o seu desprezo pelos cientistas nacionais e isto em todas as áreas do conhecimento. Ainda que as humanidades sejam as mais perseguidas ideologicamente e afetadas financeiramente pela sua gestão, outras especialidades sofreram e sofrem com a sua postura. Os exemplos são inúmeros e fartamente noticiados.

Obviamente que o descrédito sobre a ciência também causou reações da opinião pública. Negar o conhecimento científico, no século XXI, é algo bastante inusitado e causa estranhamento não apenas aos cientistas.

Internacionalmente, o bolsonarismo também chama a atenção, afinal seus ataques à comunidade científica brasileira repercutiram pessimamente fora do país.

Com o surgimento da pandemia do novo coronavírus, a leitura irracional do governo sobre a ciência se elevou a um patamar de extrema gravidade. Desrespeitando os protocolos mundiais para o combate da Covid-19, Bolsonaro coloca em risco milhões de brasileiros. A negação da ciência é o fundamento desta postura e as consequências para toda a sociedade são trágicas.

As formulações de Olavo de Carvalho, intelectual orgânico do governo, fornecem as bases da leitura bolsonarista quanto à ciência. Num artigo de jornal de 2009, intitulado a “A ciência contra a razão”, Carvalho diz o seguinte:

aquilo que hoje se chama orgulhosamente de “ciência”, pretendendo-se com isso designar a instância última e suprema no julgamento de todas as questões públicas e privadas, nem é uma entidade univocamente reconhecível, nem muito menos um conhecimento que tenha em si seu próprio fundamento. (CARVALHO, 2018, p. 393)

Com esse enunciado que relativiza a ciência (historicamente entendida como uma fundamental construção da humanidade para superar muitos de seus problemas), o astrólogo apenas inicia os argumentos.

Ele continua:

a possibilidade da existência de algo como a “ciência” repousa numa variedade de pressupostos que nem podem ser eles próprios submetidos a teste “científico”, nem muito menos fornecem qualquer base racional para dar à dita “ciência” a autoridade da última palavra não só nas questões gerais da existência humana, mas até no próprio domínio especializado de cada área científica em particular. (CARVALHO, 2018, p. 393)

Dois pontos para ressaltar aqui, de acordo com as afirmações: 1) a ciência não possui pressuposto que seja eficaz a um teste científico; 2) também não possui pressuposto fundado na razão. O autor afirma, então, que a ciência não possui nenhum protocolo ou instrumento capaz de sustentar cientificamente suas ações, nem tem como fundamento o conhecimento racional.

Afinal, se pergunta o autor, “como se constitui uma ciência?” A sua imediata resposta é a seguinte:

Supõe-se que um determinado grupo de fenômenos obedece a certas constantes e em seguida se recortam amostras dentro desse mesmo grupo para averiguar, mediante observações, experiências e medições, se as coisas se passam como previsto na hipótese inicial. Repetida a operação um certo número de vezes, busca-se articular os seus resultados num discurso lógico-dedutivo, estruturando a realidade da experiência na forma de uma demonstração lógica, evidenciando, ao menos idealmente, a racionalidade do real. Tudo isso é impossível sem as categorias da razão, obtidas não desta ou daquela experiência científica, nem de todas em conjunto, mas do próprio senso da experiência humana como totalidade ilimitada. (CARVALHO, 2018, p. 395)

Destaca-se aqui o final da argumentação: “tudo isso é impossível sem as categorias da razão” que não são encontradas na ciência, mas no “senso da experiência humana como totalidade ilimitada”, portanto não se sustentando como produto científico, a ciência é fruto da razão que se encontra nesse campo da experiência humana total e ilimitada. Resta, então, definir o que seja essa experiência, quanto a isso, neste texto, o autor não avança.

Se a produção científica não encontra respaldo na razão, onde mais encontrará senão no campo do irracional? Irracionalidade ligada ao poder e ao controle social, tende a argumentar o autor. O “apego à autoridade da ‘ciência’, tal como hoje se vê na maior

parte dos debates públicos, não é senão a busca de uma proteção fetichista, socialmente aprovada, contra as responsabilidades do uso da razão.” (Carvalho, 2018, p. 395) Os recortes convencionais operados pelos cientistas, perante a realidade, são, em sua leitura, tão sagrados e inquestionáveis que seus críticos “devem ser excluídos do meio universitário e expostos à execração pública. O culto da ‘ciência’ começa na ignorância do que seja a razão e culmina no apelo explícito à autoridade do irracional.” (Idem)

Para o autointitulado filósofo, a ciência é uma criação aleatória, fundada em um conjunto de interesses específicos, defendida por segmentos da sociedade em busca de poder. Para ele, a ciência não pode ser comprovada como eficaz justamente por ser produzida por um conhecimento menor, apesar dela se autoproclamar o oposto. Ela é não racional. São os interesses dos cientistas que dão legitimidade a ciência, nada mais.

A partir do conjunto de suas reflexões, tudo indica que a razão está no divino e em suas manifestações; já a criação humana, fruto do conhecimento humano, funda-se no que se pode chamar de irracional. Essa questão voltará a seguir.

Interessante como há uma grosseira desconsideração de todas as descobertas realizadas pelas ciências ao longo da história. Carvalho nada diz sobre isso. A sua mísera crítica ao conhecimento científico se dá num campo vazio do jogo de palavras.

Além disto, a partir de uma lógica linguística sem contexto teórico e confusa, estabelece uma identificação entre as diferentes formas de ciências, como se estas fossem um bloco uniforme.

Quando seu leitor acredita estar diante de uma crítica às ciências naturais, o autor insere, sem qualquer mediação ou qualificação, a seguinte argumentação:

fenômeno idêntico acontece com inúmeros outros termos usados no raciocínio científico, como por exemplo “igualdade”, “diferença”, “causa”, “relação”, etc. Nenhuma ciência pode definir esses termos e também não o pode a metodologia científica se tornar como pressuposto a validade do conhecimento científico em vez de fundamenta-lo desde suas raízes. (CARVALHO, 2018, p.394)

Aqui, fica a dúvida sobre qual ciência se está falando: a natural ou a humana? Identificar esse campo é importante pelo fato de cada uma produzir o conhecimento respeitando parâmetros próprios.

Ele desconhece as distinções que existem entre as ciências, desconhece o debate secular sobre essas diferenças. E, por isso, não só não apresenta condições teóricas para qualquer crítica qualificável, como confunde os desatentos.

A clara distinção que o astrólogo faz entre razão e ciência, encontra-se da seguinte forma:

o objeto da razão é a experiência humana tomada na sua totalidade indistinta, só limitada pelo senso da infinitude. O objeto da ciência é um recorte operado convencionalmente dentro dessa totalidade, recorte cuja validade não pode ser senão relativa e provisória, condicionada sempre à crítica segundo as categorias gerais da razão que transcende infinitamente não só o domínio de cada ciência em particular, mas o de todas em conjunto. (CARVALHO, 2018, p.395)

Em meio a palavras soltas, mais uma vez sem contexto teórico, pode-se ressaltar que: a razão tem por base a experiência humana total e indistinta, somente entendida “pelo senso de infinitude”. Sobre este senso de infinitude, do que se está falando? De Deus? Do universo? Ou da impossibilidade de entender as infinitas relações sociais? Sobre isso, nada. Portanto, a razão aqui fica sem uma definição e essa indefinição é justamente o ponto de distinção com a ciência, pois esta, ao contrário daquela, atua sobre as partes deste nebuloso infinito. A ciência aleatoriamente, seguindo os interesses dos cientistas, escolhe qual ponto do infinito resolverá investigar. Por isso, a sua validade será sempre parcial e incompleta em relação à Razão. Também aqui a ciência fica sem definição, apenas uma vaga exposição sobre a sua característica, isto é, investigadora de partes.

O problema não é a ciência ter como objeto elementos particulares, afinal ela de fato se volta a partes da natureza e a partes da sociedade. A questão é no que isso tira a sua força e no que isso se opõe à razão? A razão que sustenta a ciência, ao longo da história, é o conjunto de conhecimentos sobre o mundo natural e social que possibilitou a surgimento de instrumentos capazes de alcançar tais realidades, desvendando-as para a solução dos problemas humanos.

Obviamente que a ciência pode ser criticada, pois como toda construção humana é passível de críticas, porém estas devem estar sustentadas na realidade concreta e não num vago “senso de infinitude”.

A debilidade central da concepção olavista, sobre essa questão, está no fato dela submeter a ciência (não definida pelo autor), a algo desconhecido: ao infinito. Aqui está

o perigo, pois no desconhecido tudo pode, tudo é permitido. Não há o que limite o “senso de infinitude”, portanto, abre-se impensáveis formas de interpretações sobre o mundo e o ser humano. Aqui temos uma poderosa arma ideológica para a marcha fascista e a barbárie.

Tal abordagem está sendo colocada em prática pelo governo federal ao negar os argumentos dos cientistas no combate da Covid-19, para, ao contrário, valorizar discursos místicos e religiosos sobre a realidade e a doença.

Em vários outros textos, Carvalho exalta o cristianismo como sendo a única saída racional para a humanidade, diante de suas dificuldades. A negação da ciência moderna está, portanto, em equilíbrio com a defesa do pensamento cristão. Este é a fonte plena de conhecimento e emancipação. Como diz o próprio: “A Bíblia, mito fundador da civilização ocidental, está no fundo de toda a nossa compreensão de nós mesmos e de todas as nossas possibilidades de ação. Fora disso, não há senão ideologia, erro, loucura.” (Carvalho, 2018, pp. 408-09)

Nacionalmente, como já foi dito, o bolsonarismo vem representando uma marcha fascista, com objetivo de tomada integral do poder, isto é, de todo aparelho coercitivo e punitivo da sociedade política e do conjunto dos aparelhos privados de hegemonia da sociedade civil. Até o momento isto não ocorreu e, tudo indica, não ocorrerá. A imagem de um fascismo incapaz de alcançar seus objetivos sobre a sociedade brasileira é cada vez mais constatável. Mesmo com graves consequências para toda a nação, a aposta em um domínio integral do fascismo, desde o início, não considerou a capacidade dos movimentos e das instituições em resistir. De qualquer modo, a marcha segue, ainda que cada vez mais enfraquecida.

Ao mesmo tempo, no plano internacional, o bolsonarismo também expõe suas concepções do mundo. Também no plano mundial, apresenta leituras para se entender e interferir no amplo processo histórico da humanidade. Olavo de Carvalho se apresenta, também neste caso, como intelectual orgânico. Não bastasse, portanto, influenciar organicamente as políticas educacionais, culturais e científicas internas do atual governo, Carvalho, do mesmo modo, conduz as principais linhas políticas do Ministério das Relações Exteriores.

Por meio de Ernesto Araújo, ministro responsável pelas relações do Brasil com os demais países, as concepções olavistas ganharam o mundo. Crítico ao que chama de “globalismo”, o governo brasileiro, incorporando Carvalho, defini-o como um processo universal de domínio das esquerdas e do comunismo mundiais. Com poucas bases teórica e histórico-concreta, as ideias do intelectual orgânico do bolsonarismo produzem espantos dentro e fora do país.

Toda a agenda brasileira sobre direitos humanos e meio ambiente sofreu uma radical alteração. O alinhamento mecânico aos Estados Unidos, de Donald Trump, levou o Brasil para um visível isolamento no interior dos órgãos decisórios da ONU. Todavia, ainda que esta aliança seja vista inicialmente como uma submissão do governo brasileiro ao americano, dentro das concepções defendidas pelo olavismo, essa aproximação pode ser vista como uma posição tática entre iguais que buscam restaurar o mundo ocidental.

O projeto é criar um Ocidente livre de toda resistência ao cristianismo – aquele do período medieval, certamente – e ao capitalismo. Para criar um capitalismo cristão puro é necessário o combate às inúmeras bandeiras erguidas no Ocidente nos últimos cinco séculos. Grande parte da ciência, da filosofia, das artes, dos costumes, das experiências políticas e econômicas, devem ser superados e, para o futuro, eliminados. Deve-se preservar a forma de domínio moral absoluto do cristianismo medieval, de um lado, e a propriedade privada como valor universal, do outro. Das revoluções burguesas, deve-se retirar os seus aspectos democráticos, focando apenas nos seus ganhos para o indivíduo.

Diz Carvalho:

A concentração do capital para financiar operações bancárias não é, pois, um malefício que só pode produzir algo de bom se for submetido a ‘finalidades sociais’ externas (e em nome delas policiado), mas é, em si e por si, finalidade socialmente útil e moralmente legítima. São Tomás, se lesse esse argumento, não teria o que objetar e certamente veria nele um bom motivo para a reintegração plena e sem reservas do capitalismo moderno na moral católica. (CARVALHO, 2018, p.211)

A aliança entre cristianismo medieval e propriedade privada burguesa é a defesa do bolsonarismo, em dimensões nacional e internacional. O seu projeto para a humanidade é a concretização dessas dimensões, livre dos seus críticos. Os sujeitos envolvidos nessa tarefa querem uma realidade ocidental dominada, de modo absoluto, por esses dois aspectos.

Para o autointitulado filósofo, o grande desafio posto para a humanidade é

(...) restaurar a consciência de que o capitalismo, com todos os seus inconvenientes e fora de toda intervenção estatal pretensamente corretiva, é *em si e por essência* mais cristão que o mais lindinho dos socialismos, eis o dever número um dos intelectuais liberais que não queiram colaborar com o farsesco monopólio esquerdista da moralidade, trocando sua alma pelo prato de lentilhas da eficiência amoral.” (CARVALHO, 2018, p.213)

É certo que os desafios são enormes para se chegar a tal objetivo e há grande chance disto nunca ocorrer, porém a proposta está na mesa.

Antes da atual pandemia do novo coronavírus, Bolsonaro já se destacava em todo mundo como uma liderança da extrema direita global. Chegou a ser visto como o “Trump dos trópicos” e fez aproximações com a extrema direita internacional. Agora, com a crise mundial de saúde, o presidente brasileiro se coloca como o mais radical líder deste movimento. Como numa divisão de tarefas, ele e Trump, seguem questionando as evidências da ciência moderna, em defesa de um projeto de guerra radicalizada do capital e do cristianismo medieval contra as populações do mundo. A cada combate que faz ao isolamento social, uma das únicas maneiras de conter o vírus, Bolsonaro se coloca como uma liderança global da marcha fascista contemporânea.

Olavo de Carvalho que chegou a afirmar que não havia evidências de mortes pela Covid-19, segue sendo o principal intelectual do presidente brasileiro. O bolsonarismo não é apenas um movimento fascista é também um esforço em restaurar o Ocidente. Para tanto, defende o combate à ciência e aos seus instrumentos, pois, invariavelmente, estão comandados por ateus e comunistas.

Considerações Finais

Em sua primeira declaração pública, Jair Bolsonaro, após a vitória nas eleições presidenciais do Brasil, em outubro de 2018, indicou um conjunto de obras que serviriam como seus guias político-morais. Entre estas estavam a Constituição Federal, a Bíblia e um dos livros de Olavo de Carvalho. Com este ato simbólico o agora presidente da república tornava público o papel que o referido autor teria em seu governo.

Como se constatou, a força do pensamento olavista sobre o poder executivo central é enorme. Em suas diversas áreas de atuação estão presentes formulações do

astrólogo. Num primeiro momento, a educação e a cultura eram as esferas de maior evidência de sua influência, mas com a chegada da pandemia no país, percebeu-se que ela é mais profunda e capilar. Revelou-se que toda a concepção de ciência de Carvalho também estava absorvida pelo presidente e seus subordinados diretos.

Não apenas as teorias conspiratórias – muito presentes no autor, neste caso, denunciando um provável projeto de dominação da China comunista sobre o mundo capitalista, por meio da criação em laboratório do novo coronavírus – mas também a concepção de ciência existente em sua obra, trazem segurança a Bolsonaro em suas manifestações sobre como se deve combater a pandemia.

A politização que o presidente criou sobre o vírus e sobre como enfrenta-lo está totalmente de acordo com o pensamento olavista, afinal se os cientistas representam um projeto de poder, ateu e comunista sobre a sociedade, o que fazem e dizem vão, obviamente, nesta direção. Portanto, para o olavismo é necessário disputar neste terreno também. É preciso enfrentar o discurso científico para encontrar as melhores saídas para os problemas da sociedade. Defender a cloroquina e negar o isolamento social, entre outras manifestações do presidente, estão neste contexto mais geral.

Enfim, como é possível perceber, ler Gramsci na pandemia da Covid-19 pode nos ajudar a entender mais sobre a nossa realidade.

Referências

BEIRED, J. L. B. A função social dos intelectuais, In: Aggio (Org.) Gramsci – a vitalidade de um pensamento. São Paulo: Unesp, 1998.

CARVALHO, O. A ciência contra a razão. In: O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota. Rio de Janeiro: Record, 2018.

_____. Do mito à ideologia. In: O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota. Rio de Janeiro: Record, 2018.

_____. Capitalismo e cristianismo. In: O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota. Rio de Janeiro: Record, 2018.

_____. A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Campinas: Vide, 2014

GRAMSCI, A. Quaderni del carcere, Ed Einaudi, Edizione critica dell'Istituto Gramsci –

A cura di Valentino Gerratana, Torino, 2001, V.3

REIS, C. O nacional-popular em Antonio Gramsci: um projeto de nação das classes trabalhadoras. Curitiba: Appris, 2020.

SCHLESENER, A. H. Hegemonia e cultura: Gramsci. Curitiba: Ufpr, 1992.